

Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático...), urgia regressar a todas essas questões - para pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? Para responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde Novembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), os *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados *on-line* e transmitidos pelo *youtube*. Os libretos *Materiais para a Salvação do Mundo* publicam textos resultantes desses seminários abertos, ou afins.

Neste volume, Ana Cunha analisa três peças de teatro escritas e encenadas por Pedro Penim - *País e Filhos*, *Casa Portuguesa* e *A Farsa de Inês Pereira* - pensando a crise e a reinvenção da família, modelos de masculinidade, diálogos intergeracionais, a militância política hoje, apelando à “construção de comunidades afetivas e solidárias” junto de um público que, em rigor, “ainda não existe”; resistindo às implicações de uma “lógica repressiva” subjacente à palavra *salvação*, Mafalda Pereira encontra na poesia de Ana Luísa Amaral uma defesa do *queer* como exploração da diversidade e gesto de resistência, libertação de uma lógica identitária e experiência nos limites da linguagem, desafio do (in)dizível; por fim, Rita Costa interroga a categoria estética do “fofo” (o *cute* segundo Sianne Ngai), hipervalorizada no universo capitalista contemporâneo, e encontra na poesia de Isabel Galleymore, Elisabete Marques e Adília Lopes uma denúncia da hierarquia que leva o ser humano a salvar pandas, gatos, cãesinhos, mas não rinocerontes, sapos, baratas.

Pedro Eiras